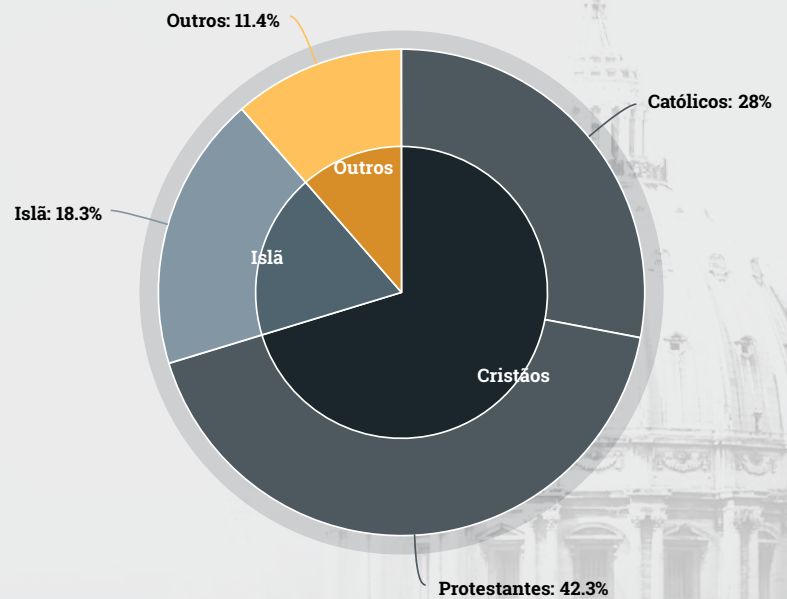
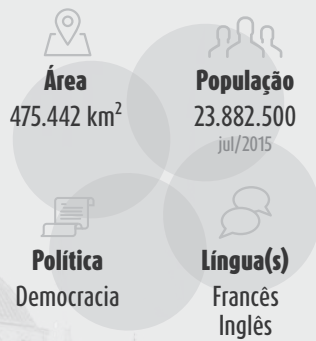


# Camarões



## DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

A Constituição, promulgada em 1972 e recentemente revista em 2008, reconhece no seu preâmbulo que “a pessoa humana, sem distinção de raça, religião, sexo ou credo, possui direitos sagrados e inalienáveis.” E continua: “Ninguém pode ser perseguido com base na sua origem, opiniões ou crenças religiosas, filosóficas ou políticas, no respeito pelas políticas públicas.”<sup>[1]</sup>

O Estado é definido como secular e a sua “neutralidade e independência” são asseguradas em relação a todas as confissões religiosas. Da mesma forma, o artigo 18º garante a liberdade religiosa e de culto: “Cada pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião. Este direito inclui a liberdade de mudar a sua religião ou crença, e a liberdade, seja sozinho ou em comunidade e em público ou em privado, de manifestar a sua religião ou crença através do ensino, da prática, do culto e da observância.”

A lei requer que os grupos religiosos recebam aprovação estatal para funcionar e permite que o Presidente da República dissolva qualquer grupo religioso existente. Contudo, centenas de grupos religiosos funcionam livremente em todo o

país sem autorização estatal oficial. O Governo não registrou qualquer grupo religioso novo desde 2010.<sup>[2]</sup>

O reconhecimento oficial não confere benefícios fiscais gerais, mas permite que os grupos religiosos recebam bens imóveis como doações isentas de impostos para realizarem as suas atividades e para se reunirem em público e prestarem culto. Além disso, permite que os missionários recebam vistos de longa duração.

O Ministério da Educação Básica e o Ministério da Educação Secundária requerem que as escolas religiosas privadas tenham o mesmo currículo, infraestruturas e padrões de formação de professores que as escolas geridas pelo Estado. Ao contrário das escolas públicas, as escolas privadas podem disponibilizar educação religiosa.

São considerados feriados públicos as seguintes celebrações religiosas: Natal, Sexta-feira Santa, Páscoa, Ascensão, Assunção de Nossa Senhora ao Céu, Eid-al-Fitr, Eid-al-Adha e o dia do Nascimento do Profeta (celebrações muçulmanas).

## INCIDENTES

Em setembro de 2014, o Governo permitiu a reabertura de trinta e quatro igrejas predominantemente evangélicas que tinha encerrado em 2013. Responsáveis do Governo local tinham acusado as Igrejas de perturbarem a ordem pública

[1] <http://confinder.richmond.edu/admin/docs/Cameroon.pdf>

[2] <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>

com serviços religiosos barulhentos, de extorsão dos espíritos vulneráveis, de desestabilização das estruturas familiares, e de prática pouco segura de “medicina espiritual” como por exemplo exorcismos, que tinham alegadamente levado a algumas mortes.

Durante o período deste relatório, a maior parte dos incidentes relacionados a liberdade religiosa ocorreram no norte do país, que desde 2013 sofreu por causa de ataques do grupo extremista islâmico Boko Haram sediado na Nigéria. Durante os anos de 2014, 2015 e 2016, o Boko Haram alargou os seus ataques e ideologia para além das fronteiras da Nigéria e mudou as suas táticas de ataque e fuga para ofensivas militares consistentes. Isto resultou no controle de grandes áreas de território no nordeste da Nigéria, e em ataques no norte de Camarões, para corresponder ao objetivo final do Boko Haram de estabelecimento de um sistema político islâmico. Desde agosto de 2014, o grupo levou a cabo 336 ataques nos Camarões, de acordo com o Exército camaronês. No início de 2016, o exército camaronês destacou alegadamente 10 mil tropas, no âmbito da Rapid Response Brigade (BIR) [Brigada de Resposta Rápida], que faz parte de uma força regional para combater o Boko Haram. A BIR patrulha uma faixa de alto risco com 400 km na fronteira com a Nigéria. As forças armadas norte-americanas apoiam-nos com equipamento, formação e informação dos serviços secretos recolhida através de drones americanos que voam a partir de uma base na vila de Garoua.<sup>[3]</sup>

Muitos analistas políticos referiram com preocupação que os ataques do Boko Haram na República de Camarões alargaram o fosso entre o norte e o sul do país, e poderão potencialmente criar conflitos entre cristãos e muçulmanos, porque os receios do Boko Haram se infiltrar em algumas comunidades está alimentando a desconfiança. Por exemplo, em 10 de setembro de 2014, alguns políticos do sul acusaram líderes do norte, a maior parte dos quais muçulmanos, de falta de cooperação em relação à questão do Boko Haram.<sup>[4]</sup> Em 23 de dezembro de 2014, 104 pessoas, maioritariamente de escolas corânicas (escola muçulmana), foram detidas em Guirvidig por suspeitas de terem ligações com o Boko Haram.<sup>[5]</sup>

Os líderes muçulmanos expressaram receio de que uma lei antiterrorismo adotada em meados de 2014 pudesse criar um quadro legal para permitir que o Governo reprima as organizações da sociedade civil críticas do Governo, bem como as comunidades muçulmanas. Ao mesmo tempo, muitos líderes religiosos proeminentes, como por exemplo o Xequ Ibrahim Mbombo Moubarak, Imã da Mesquita Central de Douala, expressaram-se repetidas vezes contra o Boko Haram e o seu extremismo violento. “O Boko Haram diz que é contra a educação ocidental, mas nós dizemos ‘Boko Halal’ para dizer que apoiamos a educação, porque não há distinção

na educação”, disse Cheick Sarbou, Imã da escola corânica de Douala, a capital econômica dos Camarões, à Agência Anadolu. “O Profeta Maomé disse simplesmente que nós [muçulmanos] devemos procurar o conhecimento, nem que tenhamos de viajar até à China”, disse Sarbou.<sup>[6]</sup>

Em 5 de abril de 2014, três missionários estrangeiros, a Irmã Gilberte Bussier do Canadá e os sacerdotes italianos Giampaolo Marta e Gianantonio Allegri, foram raptados da missão católica de Tcheré, a cerca de 20 km de Maroua, por militantes armados do Boko Haram. No dia seguinte, o Bispo Philippe Stevens de Maroua visitou a paróquia de Tcheré e presidiu à celebração da Eucaristia para encorajar a comunidade cristã. “Estou muito aborrecido com os que ousam invocar o nome de Deus para justificarem os seus atos sem piedade”, disse. “Usar o nome de Deus para fazer o mal, matar e destruir é a maior blasfêmia que um homem pode fazer contra o Seu santo nome”, acrescentou.<sup>[7]</sup> Os três religiosos foram libertos cinquenta e sete dias mais tarde.<sup>[8]</sup>

Estes ataques obrigaram o clero católico que trabalha no extremo norte do país a ter que procurar escoltas governamentais para viajar para os locais onde desempenha os seus deveres pastorais habituais. A polícia pede regularmente aos sacerdotes que lhes disponibilizem os seus horários de culto, para garantir a segurança das igrejas, pois o Boko Haram ameaçou frequentemente realizar ataques à bomba durante as orações.

Os líderes religiosos nas áreas afetadas pelo conflito esforçaram-se por salvaguardar boas relações entre cristãos e muçulmanos. No final de abril de 2014, vinte e cinco imãs, treze sacerdotes católicos e doze pastores protestantes realizaram um encontro de trabalho sobre diálogo inter-religioso em Maroua no qual juraram resistir ao extremismo religioso. Na cerimónia de encerramento deste evento, o Bispo Philippe Stevens referiu que “a única arma que as pessoas religiosas têm que portar perante estas pessoas cheias de ódio é a linguagem do respeito e do amor”. Uma das iniciativas mais extraordinárias neste sentido é a “Casa do Encontro”, inaugurada pela Diocese de Maroua para tornar possíveis os encontros entre cristãos e muçulmanos.<sup>[9]</sup>

## PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

A República de Camarões têm uma longa tradição de respeito pela liberdade religiosa e entre as diferentes denominações religiosas. Os ataques do Boko Haram no extremo norte do

[3] <http://www.aljazeera.com/news/2016/03/weakened-boko-haram-sends-girl-bombers-cameroon-160331175822717.html>

[4] <http://www.crisisgroup.org/fr/regions/afrique/afrique-centrale/cameroun/b101-cameroon-prevention-is-better-than-cure.aspx>

[5] Informação do escritório regional da ONU para a África Central em Libreville (UNOCA)

[6] <http://aa.com.tr/en/world/cameroon-boko-halal/63999>

[7] Informação de um missionário que trabalha na diocese de Maroua.

[8] Os três religiosos escreveram um livro sobre a sua experiência em cativeiro: Gianantonio Allegri, Gilberte Bussière, Giampaolo Marta. RAPITI CON DIO. Due mesi prigionieri di Boko Haram. EMI. Bolonha. 2015

[9] Informação da Diocese de Maroua.

país ameaçaram esta coexistência pacífica. Embora as respostas militares nacionais e internacionais tenham enfraquecido consideravelmente a capacidade de Boko Haram de causar estragos, o elevado número de refugiados e de deslocados internos e o trauma que o conflito causou entre a população são elementos que estão deixando um legado de desconfiança e divisão que se perpetuará por gerações.